Já há algum tempo que em nossas trajetórias de pesquisa dialogamos com a linguagem fílmica, seja quando produzimos audiovisual em nosso trabalho, seja na análise da produção e recepção das imagens. O cinema tem sido um elemento importante, que tem nos ajudado a elaborar as impressões que temos tido do mundo.

É fato também que para nós – as organizadoras deste dossiê da *Revista Teias*, que tem como tema “Culturas, linguagens & a pesquisa em Ciências Humanas” – tem sido extremamente significativa a interlocução que estabelecemos com o filósofo russo Bakhtin, sobretudo no que diz respeito ao compromisso e responsabilidade daquele(a) que faz ciência. Para este autor, a pesquisa na área das ciências humanas e sociais exige a atitude responsiva e responsável. Pesquisar neste campo é dar-se conta de que o “objeto” aqui fala, interfere nos processos da pesquisa e no conhecimento que se produz, é uma relação que impõe uma ética e uma estética.

Esta edição de *Teias* vem a público juntamente com a divulgação em circuito nacional do filme “O som ao redor” (BRASIL, 2012) – primeiro longa-metragem do cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho. Supostamente estruturado sob o tema central da segurança nos condomínios das cidades contemporâneas, o filme transforma o microcosmo das relações sociais de um bairro da zona sul recifense em convite a perscrutar os sons que se põem ao redor na frivolidade do cotidiano e que contam, em sua simplicidade, da cultura em permanente fabricação. Orquestrando um jogo que envolve os incômodos latidos noturnos dos cães, os quiproquós familiares que a tradição e a moral burguesas esforçam-se em manter ocultos; a cruel geografia da especulação imobiliária e a transformação da segurança privada na mercadoria da hora, o filme constrói sua trama em fios sonoros cujo desenredo reivindica a construção de uma escuta quase primitiva. É assim que quem o assiste vai, tateando às escuras, aguçando sua escuta tensionada por uma trilha sonora em volume superestimado, impelidos a construir sentidos para uma história que não se entrega de pronto. Uma história que, para ser apreendida, requer abandonar-se, requer assumir a incômoda condição de não se estar entendendo quase nada.

A estesia provocada pelo filme em questão parece materializar a recomendação feita por Walter Benjamin (2003, p. 73) ao relatar seus passeios infantis pelos parques de Berlin: “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, saber perder-se, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar como o estalar de um graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro.” No filme, cada som é como o estalido de um graveto seco,

cada fragmento abre-se a uma viela que reflete as horas do dia. Mais que isso, somos avisados o tempo todo estar prestes a chegar ao desfiladeiro.

O que está em jogo é a arte de saber perder-se, de deixar-se afetar, de não apressar causalidades e consequências. Por isso mesmo, o filme parece se entregar justamente quando o espectador se abandona ao outro, aos personagens que no decorrer do filme vão se tornando aquele nosso vizinho, morador do nosso prédio, aquela dona de casa sobre a qual já ouvimos falar, os protagonistas daquela história trágica noticiada no jornal diário.

Nesse sentido, “O som ao redor” parece-nos um promissor convite para abordar as temáticas em torno das quais se estrutura a presente edição de *Teias* e que exigem do pesquisador uma escuta sensível para aquilo que se põe ao seu redor. Pesquisar implica, de certo modo, em saber perder-se. E como gostaria Bakhtin, perder-se na relação com “outro”; na escuta atenta que oferece a sensibilização necessária para conhecê-lo, exercitar exotopias. Implica em mesmo que não se tenha palavras que possam definir aquilo que é percebido – e frequentemente elas não podem – procurar a melhor maneira de dizê-las em sua incompletude. Implica em escutar atentamente para narrar responsabilmente e responsivamente. Pesquisar em educação requer a sabedoria de saber perder-se no diálogo com o outro, e é nisto que consiste o conjunto de textos organizados neste dossiê. Que não é nem um dossiê sobre o filme “O som ao redor”, nem sobre o pensamento de Bakhtin, mas que foi organizado neste ambiente polifônico.

Abrimos a sessão EM PAUTA desta edição de *Teias* com o instigante texto de Nilton Gamba Júnior, intitulado “Sísifo: fetiche e linguagem – Pasolini e a pós-modernidade naturalizada”, onde o autor coloca em pauta os limites da capacidade crítica em face de uma suposta perda de lucidez no mundo capitalista. Nesse intento, Gamba Jr. coloca em diálogo autores como Pasolini, Heartney e Lyotard.

Na sequência, temos o artigo de Luciana Gruppelli Loponte, “Da arte da docência e inquietações contemporâneas para a pesquisa em educação”. Tendo como ponto de apoio a coleção de desenhos “Geografia do encontro”, da artista plástica Mayana Redin, a autora coloca em discussão os desafios de uma formação estética como central ao exercício da docência. O texto se constrói em torno de indagações sobre os diálogos possíveis entre a arte contemporânea, os cursos de formação para professores e as políticas de formação permanente.

A contribuição de Georgina Martins no texto “Graciliano Ramos de Oliveira e a sombra da infância” consiste em um estudo da escritora e especialista em literatura infanto-juvenil sobre a representação da infância na obra de Graciliano Ramos. A educadora apresenta um breve panorama

da infância no Brasil nas primeiras décadas do século XX e reflete sobre como a criança aparece na literatura deste autor.

Raquel Gonçalves Salgado, Anabela Rute Kohlmann Ferrarini, Rayany Mayara Dal Prá e Rayassa Karla Dourado Porto problematizam, na sequência, os modos como adultos e crianças constroem suas relações de alteridade, numa perspectiva de intergeracionalidade, no contexto contemporâneo. O artigo “‘Tudo junto e misturado?’: a infância contemporânea no diálogo entre crianças e adultos” convida a observar com mais atenção como adultos e crianças constroem sentidos para aquilo que consideram lhes ser “próprio” e/ou “comum” a estas categorias sociais.

No último artigo da sessão, o texto “Culturas e escolas na Matinha dos Pretos: relações tecidas no cotidiano”, de Maria Cristina de Jesus Sampaio e Marco Antonio Leandro Barzano – da Universidade Estadual e Feira de Santana – mostram as relações que se estabelecem entre a comunidade de Matinha dos Pretos e as escolas locais. A discussão central do texto é o currículo tecido no cotidiano, os saberes e práticas que ali circulam, em especial o samba de roda baiano, além de outras práticas do repertório cultural afro-brasileiro.

A ENTREVISTA desta edição de *Teias* traz uma conversa de Marisol Barenco de Mello com Valdemir Miotello, em torno de *questões bakhtinianas para uma heterociência humana*. Costurando essa conversa, conceitos bakhtinianos relacionados à cultura e à linguagem, e também um panorama dos debates científicos que vem sendo sistematicamente organizados por Miotello e outros pesquisadores com o propósito de aprofundar o conhecimento sobre a obra de Bakhtin e seu círculo.

Em ELOS, trazemos dois artigos. O primeiro, “Os mortos mexicanos são de metal: identidade juvenil forjada em dois processos de comunicação”, de autoria dos pesquisadores mexicanos Yadira Robles e Rodolfo Torres. Os autores trazem para o debate um panorama de formas através das quais os jovens buscam construir sentidos e significações singulares em seus processos de socialização no contexto contemporâneo de globalização. O texto disserta sobre a construção social da ideia de juventude tomando por perspectiva o cotidiano dos jovens metaleiros, forjada na hibridização entre os processos formadores tradicionais da cultura mexicana e aqueles que são próprios da expressão metaleira de raiz inglesa. O segundo texto da sessão é de autoria da professora Cornélia Giebeler, da Universidade de Ciências Aplicadas de Bielefeld, na Alemanha. No artigo intitulado “Construções sobre a infância em processos migratórios transnacionais: gêneros e espaços para políticas de identidade”, a autora reflete sobre as identidades de adolescentes em situação de fronteira, defendendo buscando a compreensão sobre os processos identitários destes meninos e meninas.

Na seção RESENHA, Virgínia de Oliveira Silva, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Paraíba, escreve sobre o filme “Escola sem PREconceitos”, vídeo didático experimental, dirigido pelo professor Pedro Nunes, também da UFPB. O vídeo tem como foco a homofobia, acessibilidade, gênero e as diferentes formas de preconceito entre alunos e professores nas escolas e foi distribuído na rede pública de ensino na Paraíba.

Nosso convite é então que o leitor deixe-se perder por entre estes textos. E que de cada um ele possa “ouvir as vozes” que compõem seus sentidos. Na literatura, nas fronteiras, dentro e/ou fora das escolas, nas redes sociais. Ou, como preferiria dizer Bakhtin, na ciência, na vida e na arte.

Mailsa Passos e Rita Ribes

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 2003. vol. II.
- MENDONÇA FILHO, Kleber. *O som ao redor*. Recife: Vitrine Filmes, 2012.

Recebido em abril de 2013
Aprovado em abril de 2013